Édouard Louis nasceu a 30 de outubro de 1992. Deram-lhe o nome Eddy e o apelido Bellegueule. O pai, operário, a mãe, doméstica. Franceses, completamente franceses, tal como todos os antepassados deles, como o pai gostava de repetir. Em casa, cinco crianças e dois adultos e quase sempre pouco mais de 700 euros para sobreviver. A violência das palavras e toda a ignorância e miséria a falarem através delas, a darem forma à realidade de Hallencourt, onde a família Bellegueule não é diferente de outras famílias de Hallencourt. Uma cidade operária no norte de França, onde os comunistas esmoreceram, dando lugar à Frente Nacional. E depois, depois veio o teatro, no início da adolescência. Os aplausos e, pela primeira vez, o olhar daqueles que concedem lugar à diferença. E, por causa do teatro, apareceram os livros, os estudos e, com eles, a fuga, confirmada na escrita: "Podia tornar-me operário, como o meu irmão, numa fábrica a 300 quilómetros de casa dos meus pais e nunca mais os ver; essa fuga teria sido perfeita." O primeiro livro, "Acabar com Eddy Bellegueule" (Fumo Editora, 2014, com nova edição prevista na Elsinore), com o qual recebeu o Prémio Goncourt, é exatamente o que o título diz: o fim de Eddy Bellegueule, o nascimento de Édouard Louis, o nome que o escritor pediu à Justiça para imprimir no seu Bilhete de Identidade. O livro é "um manifesto para a reinvenção", como escreveu à mão no meu exemplar, no fim da entrevista; também é o fim de um "nome que pronuncia-do não nomeia" e logo a afirmação de Louis, nome roubado a uma personagem de uma peça de Jean-Luc Lagarce, "Tão Só o Fim do Mundo" (Cotovia, 2004), em que um rapaz volta a casa da família 12 anos depois para anunciar a sua morte. Em Paris, na noite de Natal, uma violação cometida contra o adulto Édouard destruiu-lhe qualquer possibilidade de escrever sobre a felicidade. Daí resultou "História da Violência" (Elsinore, 2019). E a seguir, no regresso à casa da família, 10 anos depois da fuga, como acontece com a personagem de Lagarce, não anunciou a sua morte mas descobriu a morte lenta do pai: "Quem Matou o Meu Pai" (Elsinore, 2020). Já este ano, publicou um livro sobre a mãe: "Combats et métamorphoses d'une femme" (Éditions du Seuil, 2021). Édouard Louis veio a Portugal, ao Festival de Almada, onde foram apresentadas duas adaptações dos seus livros: "História da Violência", com encenação de Ivica Buljan, e "Quem Matou o Meu Pai", com encenação de Ivo van Hove. No dia em que conversou comigo estava de partida para a Bienal de Veneza, onde subiria ao palco para interpretar "Quem Matou o Meu Pai", numa produção do conceituado encenador Thomas Ostermeier. Colaborou com o realizador Ken Loach e está a adaptar com James Ivory ("Os Despojos do Dia", "Chama-me pelo Teu Nome"), um dos seus realizadores favoritos, dois dos seus livros, de onde resultará a série "The End of Eddy" (Netflix). A sua maior ambição é literária, ou "real-literária", na medida em que vê a literatura como uma forma de mudar o mundo. A conversa com este "combatente da autobiografia", que quer que cada "livro seja uma bomba", decorreu sob a vigilância de Fernando Pessoa, na Brasileira, em Lisboa.

Ao ler o seu primeiro livro, surpreendi-me com uma França que me era totalmente desconhecida. Não imaginava que franceses daquela geração [os pais têm hoje 55 anos] pudessem pensar e viver daquele modo…
O livro foi tão surpreendente para si como para os franceses que o leram. Precisamente porque aqueles corpos e aquelas vidas, aquelas caras e aquelas vozes foram completamente excluídas, apagadas, do espaço público, da literatura, do jornalismo, das artes, de todo o lado… Comecei a escrever porque sabia que, de cada vez que as pessoas dissessem França, estariam a referir-se a tudo menos à minha família e às pessoas com quem cresci. Temos de ter cuidado quando falamos em nome dos outros, da realidade dos outros. Quando dizemos "mulheres", de que mulheres estamos a falar? Estamos a falar de todas as mulheres? Ou das mulheres brancas? Ou das mulheres da burguesia? Quando dizemos França, de que país estamos a falar? De cada vez que nomeamos uma categoria, consciente ou inconscientemente, excluímos pessoas dessa categoria. Foi esse o sentimento que tive em relação a França quando fui para Paris estudar. Fui confrontado, pela primeira vez na minha vida, com a literatura, e com a literatura contemporânea, e descobri que estava lá tudo menos o ambiente da minha infância. Foi nessa altura que percebi que aquilo a que, atualmente, chamam de literatura é algo que está secretamente baseado na exclusão das pessoas da minha infância. A minha escrita faz parte de uma luta contra a invisibilidade.

Teve essa consciência mesmo antes de começar a escrever, não foi?
Sim, todos tínhamos essa consciência. O sentimento de invisibilidade dominou a minha infância. A minha mãe passava a vida a repetir esta frase: "Ninguém fala de nós. Ninguém quer saber de nós. Ninguém nos dá atenção." Disse isto todos os dias ao longo da minha infância.

A classe operária inglesa é visível nalgum cinema que se faz em Inglaterra…
Sim, mas quando falo de invisibilidade e de ausência, não quero dizer silêncio. Mesmo em França há vários livros e até filmes sobre pessoas pobres, mas na maior parte das vezes a representação é caricatural e falsa — o que é também uma outra forma de tornar essas pessoas invisíveis. Às vezes é possível tornar as pessoas invisíveis falando delas. Como costumo dizer, existem dois discursos sobre a classe operária. Ou são maus, sujos, violentos, ou são boas pessoas que vivem uma vida real e mais autêntica do que a burguesia. Ambos os discursos estão errados. Esses discursos assentam numa espécie de mitologia. A mesma mitologia colonial que acredita existirem bons e maus selvagens. Todas essas representações são falsas. Essa é outra forma de tornar as pessoas invisíveis e é também a razão pela qual as pessoas começaram a votar na extrema-direita. Na cidade onde nasci, mais de metade da população votou na extrema-direita. Eu tento escapar a essas duas categorias, ao escrever.

Quando fala mal da classe operária, também é atacado pela esquerda…
Sim, eu falo contra a esquerda; e eu também sou de esquerda [a imprensa francesa já o considerou de direita e de extrema-direita]. Muita gente não quer que eu fale de racismo e homofobia na minha adolescência, no ambiente de classe operária em que cresci. Mas na classe operária também há *gays*, como eu, lésbicas e pessoas de cor que sofreram com a homofobia, o racismo e a misoginia. Ao dizê-lo não estou a criticar a classe operária, estou a incluir muitas outras pessoas na categoria "classe operária". De outro modo, a categoria não os representa. Não podemos falar da classe operária da mesma maneira que o Partido Comunista francês falava nos anos 50 e 60 do século XX, ainda mais porque o PC francês, à semelhança do português e do italiano, é homofóbico. Eu luto pela classe operária, mas ao lutar pela classe operária não tenho de dizer que eles são bons. Foi nessa mesma classe operária que algumas pessoas disseram à minha mãe: "Tu ficas em casa, como mulher que és. Tu tomas conta das crianças e da família. E não fazes mais nada." O importante é perceber o que cria esta situação geradora de violência. Não é acusar as pessoas.

O seu último livro é sobre a sua mãe: "Combats et métamorphoses d'une femme". A sua mãe leu-o?
Não sei. É difícil responder. A comunicação é pouca, embora tenha, neste momento, uma boa relação com a minha família. Melhor do que na minha infância. Mas já não falamos a mesma linguagem. O meu pai abandonou a escola muito cedo e nunca teve oportunidade de ler um livro; e eu fui aquele que foi estudar para Paris. Nas pequenas cidades, como a minha, há sempre uma pequena elite, o médico, o advogado, o padre e o farmacêutico, e eu lembro-me de nos sentirmos humilhados sempre que os víamos. Inevitavelmente, comparávamo-nos com eles: não tínhamos o sotaque deles, não sabíamos falar bem, não nos vestíamos como eles se vestiam…

Agora é você que está no lugar de quem humilha. É isso?
Sim, é isso. Eu transformei-me no corpo que detestei durante a infância.

Tinha vergonha da sua família?
Comecei a sentir vergonha mais tarde, quando fui estudar. Às vezes mentia. Dizia que o meu pai era académico ou jornalista.

Quando é que essa vergonha desapareceu?
Quando comecei a escrever. Quando me deparei com a violência da burguesia.

Qual é o seu lugar?
É o lugar do meio. Nunca pertencerei à burguesia dominante, ainda que dentro da burguesia sempre tenha existido quem lute contra a própria classe, como foi o caso de Sartre; e, logo, haverá nela sempre pessoas do meu lado… E deixei de pertencer ao meio de onde vim e que me rejeitou. Ao escrever, luto contra este paradoxo.

E há ainda a "máfia" da literatura francesa, cuja forma de atuar e de se proteger começa agora a ser exposta. Sentiu-a?
Completamente! Quando comecei a escrever, senti a pressão dessa elite e percebi que havia regras na literatura, ainda que ninguém as formule claramente. É um meio muito fechado, e o facto de me rejeitarem não me incomodou. Deu-me uma certa distância. Teria sido muito pior se eu tivesse sentido fascínio por essa elite. Disseram-me várias vezes: "Não se deve escrever sobre violência e pobreza, não se deve fazer chorar as pessoas… Isso é miserabilismo, é *pathos*." E eu respondia: "Mas eu conheço vidas que fazem chorar. E, se não se escreverem esses livros, essas vidas nunca se salvarão."

Foi um dos primeiros apoiantes do movimento *gilets jaunes*, os chamados 'coletes amarelos', considerado próximo da extrema-direita. Arrependeu-se ou ainda está ligado ao movimento?
Ainda estou em contacto com eles. A ligação deles à extrema-direita foi uma construção dos *media* franceses. Estive desde o início nas manifestações, e as pessoas que conheci são progressistas — não me considero *naïf*, sei bem, desde criança, o que é o racismo, a homofobia ou a misoginia. Claro que podem existir algumas pessoas racistas e homofóbicas dentro do movimento, mas pertencem a uma minoria. Uma sondagem feita dentro do movimento concluiu que apenas 7% se colocava no campo político da extrema-direita. A meu ver, é um movimento importante. Foi por causa dos 'coletes amarelos' que se ouviu, pela primeira vez na esfera política francesa, frases como: "Eu tenho fome. Eu estou a sofrer. Eu não consigo pagar a minha renda. É Natal, e eu não tenho nada para oferecer aos meus filhos." A linguagem da esquerda é, na maioria das vezes, abstrata: "A nossa República. A nossa Democracia." De que estão a falar? Eu não sei do que estão a falar. Os 'coletes amarelos' colocaram a vida na política. Tornaram a realidade visível. Sobre os 'coletes amarelos' direi o que Gilles Deleuze, o filósofo francês, disse sobre o Maio de 68, quando os outros acusavam o movimento de só falar de sonho: "Não, esta é a realidade. Finalmente, a realidade!" A realidade é algo raro na política. Para mim, os 'coletes amarelos' foram isso.

Já não são?
São, sigo alguns, como também sigo e apoio a ativista Assa Traoré [cujo irmão, Adama, foi asfixiado por quatro polícias na rua, em 2016, tal como George Floyd em 2020]. Sou próximo dela, e ela também está ligada aos 'coletes amarelos', também participou nas manifestações. Por isso, quando as pessoas dizem que os 'coletes amarelos' são racistas, homofóbicos, eu pergunto: "Como é que isso pode ser verdade sendo Assa Traoré mulher e negra e eu um *gay*?" Claro que daqui resultaram muitos ataques e muitos insultos. Mas, quando as pessoas me falam nisso, costumo dizer: "Devia perguntar aos que não são atacados porque é que não são atacados. Se não estão a ser atacados por ninguém é porque não estão a desafiar nada nem ninguém." Ser atacado devia ser usado como medalha. Temos de reconstruir a literatura que confronta o mundo. Não devemos ter medo disso. De um momento para o outro, Hallencourt, que era uma cidade operária e comunista, deu 46% dos votos à Frente Nacional nas eleições europeias em que Marine Le Pen se destacou [obtendo a liderança com 24,85% dos votos].

O que é que aconteceu ao PC na sua cidade?
Houve uma espécie de revolução conservadora, não apenas no Partido Comunista mas também no Socialista, ou seja, na esquerda tradicional. Deixaram de falar da pobreza, da precariedade, da dor, seja do varredor de rua [o pai foi varredor de ruas], seja do operário ou do talhante… Adotaram uma agenda mais liberal e passaram a falar de coisas como competitividade. De repente, a classe operária deixou de se sentir representada. Os seus corpos deixaram de ser reconhecidos.

De certo modo, foi o que aconteceu no resto da Europa…
Sim, é importante fazer o diagnóstico. Criar um espaço no qual as pessoas possam dizer: "Eu sofro." A questão da política e dos políticos é como é que as pessoas podem dizer: "Eu sofro." Tu, que és operário, sofres. És pobre, sofres. Tens um trabalho duro, sofres. Que espaço te oferecemos para que digas: "Eu sofro"? Se o único espaço que se oferece às pessoas para dizerem que sofrem é na extrema-direita, então as pessoas usá-lo-ão. Quando eu era miúdo, havia uma certa responsabilidade na literatura. Na escola, estudámos Émile Zola. Uma vez, ao chegar a casa, a minha mãe, que nunca leu Zola, ou sequer um livro, olhou para a capa do livro que me tinham dado na escola e disse: "Esse homem esteve do nosso lado, do lado dos pobres." Quando me lembro disto, penso: "Ela sabia que alguém deste meio, do meio da literatura, estava a lutar do lado dela, e isso era um orgulho para ela." Quem está a ocupar este lugar hoje?

A sua família continua a votar na Frente Nacional? Nestas últimas eleições regionais, por exemplo?
A minha família mudou um pouco por causa de mim, mas de um modo geral as últimas eleições não querem dizer nada, porque os pobres não votam nelas.

Marine Le Pen perdeu expressão nestas eleições…
Sim, porque apenas foram votar as pessoas que moram nas cidades, a burguesia, e essa não vota na extrema-direita.

Logo, não é possível concluir o que vai acontecer nas presidenciais…
Pois não. Não sou profeta. Sou apenas escritor, mas, francamente, não penso que se possa ignorar uma abstenção superior a 66%, que nas zonas rurais quase chegou aos 70%. Não há nenhuma conclusão a tirar sobre o futuro a partir de níveis tão elevados de abstenção. As regionais não são eleições importantes. Mesmo os meios de comunicação social só falam das eleições presidenciais.

Tendo crescido numa casa sem livros, quando é que se tornou leitor?
Foi tarde, no liceu. E foi porque eu era um rapaz *gay* e os modelos de masculinidade da classe operária onde cresci me eram demasiado pesados. Na escola, não tinha amigos, andava sempre sozinho. Por isso, ia a todos os clubes que existiam na escola. Havia o clube de xadrez e havia o clube de teatro… Entrei para o clube de teatro, não porque gostasse de teatro mas para não ter de ficar sozinho no pátio da escola a ouvir insultos. Chamavam-me "paneleiro". E foi ao fazer teatro que percebi que as pessoas olhavam para mim e, pela primeira vez na vida, gostavam de mim. Tinha 12 anos, e ninguém até então tinha gostado de mim. Os aplausos e a admiração que senti fizeram-me recuperar da violência e dos insultos que ouvi. O teatro não me salvou por ser uma arte nem por eu ser uma pessoa mais sensível. O teatro salvou-me porque foi nele que me senti amado. O teatro estava a funcionar para mim. Era muito fácil. Enquanto *gay*, tinha crescido a interpretar um papel: tentava parecer mais masculino, mais macho… Para mim, o teatro era muito fácil. Aí, comecei a ler livros.

Toda essa história é posterior ao concerto que faz à frente do seu pai e em que ele sai porta fora porque não o quer ver?
Sim [risos]. Aí, eu deveria ter 11 anos. O meu corpo sempre foi teatral, extrovertido. Os meus pais nunca encontraram a linguagem que lhes permitisse perceber quem eu era. A única palavra que o meu pai conhecia para falar de alguém como eu era "paneleiro". Ou seja, ele só conhecia o insulto.

E dizia-lho?
Não me dizia diretamente. Mas era uma palavra usada com frequência em casa. Se visse um *gay* na televisão, havia logo quem dissesse "paneleiro". Mas o meu pai passava a vida a dizer-me: "Porque é que falas assim? Porque é que pareces uma rapariga a falar? Porque é que não és um homem?" Tentei perceber através dos livros de onde é que vem isto. Há uma ideia muito interessante do sociólogo Pierre Bourdieu, que diz que tirámos tudo à classe operária. Tirámos o acesso ao dinheiro, o acesso às viagens, o acesso a uma cultura legitimada… A única coisa que lhe deixámos foi o corpo. O corpo físico.

O poder e a força do corpo mais forte…
Exatamente. Daí que estas pessoas tenham uma espécie de ideologia do corpo, da força. É a única coisa que têm. E, quando só se tem uma coisa na vida, tem de se criar uma ideologia à volta disso. É o que acontece comigo. Eu acredito que a literatura é importante para mudar as coisas, para mudar a realidade. O meu pai e a minha mãe, como classe operária, têm apenas o corpo. Por isso, têm de construir uma ideologia do corpo e da força, e essa ideologia é violenta para as pessoas *gay* e para as pessoas *queer*.

E pode também ser tóxica para os próprios, como conta no livro "Quem Matou o Meu Pai"…
Sim, e é. Não podemos compreender os problemas de classe se não incluirmos os assuntos de género e de sexualidade. Temos de renovar a linguagem de classe. O meu pai, para construir a sua masculinidade e para poder fazer uma boa performance da sua masculinidade, teve de rejeitar o sistema educativo, porque a escola era entendida no seu meio como algo feminino ou homossexual. Para estar na escola, era preciso obedecer. Por acreditar nisso, não se formou em nada e teve sempre trabalhos difíceis. Não é a única razão, mas é a principal. Isso quer dizer que os assuntos de classe são também assuntos que dizem respeito ao género e à sexualidade. Se queremos construir uma nova esquerda, temos de construir uma nova linguagem sobre classe; e isso é o que tento fazer através dos meus livros. Tento encontrar um novo vocabulário para falar de classe. Não é algo que tenhamos feito no passado.

A política tem de se livrar das ideologias passadas, tem de encontrar novos discursos?
Não podemos usar uma linguagem antiga numa realidade totalmente nova. As coisas mudaram. A minha avó não sabia que ser mulher tinha um significado político. Por causa do movimento feminista, a minha mãe — ainda que não consiga articular bem o que isso significa, ou como uma Simone Beauvoir fez — tem consciência do significado político de ser mulher. Se falar com a minha mãe hoje e não falar das dificuldades que é ser mulher nas condições dela, ela não votará em si.

O facto de ter conhecido Didier Eribon foi um dos acontecimentos mais importantes na sua vida?
Sim. Quando estava no liceu li "Regresso a Reims" [Dom Quixote, 2019], e a partir daí tornou-se impossível não falar do lugar de onde vim, da pobreza, da precariedade. Por vezes, pode levar muito tempo até entendermos que a nossa história é valiosa, ainda mais quando se vem do lugar da pobreza. A sociedade não nos dá a impressão de que a nossa história é valiosa. Quando comecei a publicar os meus livros, um jornalista francês perguntou-me o que eu escreveria se tivesse crescido na burguesia ou na aristocracia, como se fosse fácil para mim escrever sobre pobreza apenas porque vim da pobreza. Não me parece que tenha feito a mesma pergunta a uma pessoa que vem da burguesia. Consciente ou inconscientemente, há histórias e vidas que são consideradas mais literárias que outras, e há outras vidas e histórias que têm de ser impostas no campo literário porque não são automaticamente consideradas literárias. Ler Didier Eribon autorizou-me a escrever acerca desse meio.

No seu primeiro livro parece que está a fazer um ajuste de contas com o seu pai. Também me fez lembrar Kafka, "Carta ao Pai". Conhecia o texto?
Sim, conhecia. Mas a relação com o meu pai foi muito diferente. O pai de Kafka era assustador. Eu nunca tive medo do meu pai. Odiava-o em criança porque não o entendia, e ele não me entendia. A história da nossa relação é a história de uma não-relação.

Esperava que ao chegar a casa ele não estivesse para jantar… para ter um bom serão.
Completamente. Ele era uma pessoa dura. Violenta. Na altura, eu não sabia que ele era violento porque tinha crescido com a violência, e que, por isso mesmo, a reproduzia. Eu era uma criança. Não o podia saber.

Ainda que ele não estivesse a reproduzir a violência que sofrera…
Sim, fisicamente ele não era violento. Era violento na forma de falar. Ele não tinha paciência para uma criança como eu. Um rapaz efeminado. Todos nós temos dias maus e todos nós podemos ser agressivos em relação a alguém que amamos, sendo que a seguir nos arrependemos. Para pessoas como o meu pai, para operários como ele, essas coisas que eu ou você podemos ter de vez em quando, enquanto pessoas privilegiadas, ele tinha-as todos os dias. Logo, o perfil psicológico dele é um comportamento sociológico. Também sei que há pessoas que sofreram violência extrema e são dóceis, mas não era o caso dele. Ele estava a viver sob muito stresse: "Vou conseguir pagar a renda? Vou conseguir comer? Vou conseguir sobreviver?"

Ainda que não pareça, é uma vida de tragédia, mais trágica do que dramática…
Tem toda a razão, isto é uma tragédia, é mais uma tragédia do que um drama. Quando escrevi o livro "Quem Matou o Meu Pai", estava a traduzir uma versão inglesa de "Antígona" e comecei a pensar o que seria uma tragédia no mundo contemporâneo. Hoje, a violência já não vem dos deuses. Vem dos governos, das políticas, das leis que os governos fazem. Assim que comecei a escrever sobre o meu pai, percebi que não tinha memórias dos políticos, mas tinha memórias íntimas de algumas decisões tomadas por políticos. Quando eu era criança, os governos de Sarkozy e de Chirac reduziram o Estado social; e as decisões que tomaram tiveram impacto na vida do meu pai. Uma delas, tomada durante o governo de Sarkozy, obrigou as pessoas que não tinham trabalho a voltar a trabalhar, tal como acontece no filme de Ken Loach "Eu, Daniel Blake". Eu tinha a memória íntima desse momento. O meu pai estava muito mal de saúde. Não recuperara de um acidente que tivera na fábrica anos antes, mas, ainda assim, teve de voltar a trabalhar, como varredor de ruas. Para mim, o facto de uma decisão como a de Sarkozy se tornar tão íntima como a primeira vez que fazemos amor, ou a primeira vez que beijamos alguém, é uma tragédia. Aquela decisão passou a fazer parte da carne dele. Quando se é privilegiado, como eu agora sou, podemos proteger-nos das políticas. Agora eu tenho diplomas, tenho dinheiro. A política não me afeta verdadeiramente. Posso criticar Macron, mas ele não me pode matar. Macron pode matar o meu pai, porque ele não tem essa proteção. E essa é a tragédia da classe operária. Primeiro, ainda pensei que era muito estranho colocar os nomes dos políticos no livro, mas depois percebi que tinha de o fazer. Se os outros não o fazem é porque não vêm de um meio em que a política é vivida de modo íntimo. Se isto é uma transgressão ou uma literatura de transgressão, não sei. Mas eu não venho da literatura. Eu venho dos pobres e, por causa disso, tenho de mudar a literatura e a forma como ela se faz. Não tenho escolha.

A "História da Violência", calculo eu, deve ser o seu livro mais doloroso. Foi vítima de uma violação e descreve-a no livro, assim como o processo de inquirição que se seguiu. Uma das razões pelas quais escreveu, segundo percebi, foi porque estava cansado de falar no assunto. Falar repetidamente de uma violação torna mais difícil esquecer o trauma?
Completamente. Quando se sofre de violência sexual, fica-se numa posição de ter de repetir a história uma e outra vez. A história deixa de pertencer à vítima. Não se escolhe o que acontece a seguir, o que a polícia ou o sistema judicial irá fazer. É-se levado a entrar num sistema que se calhar nem acredita na vítima, mas ao qual a vítima tem de responder, sem qualquer liberdade de ação. E há vítimas que querem vingança, outras que pretendem esquecer, outras que querem uma explicação. E outras ficam com um medo enorme do violador e nunca mais o querem ver ou enfrentar em tribunal…

E depois há também a questão de as vítimas terem um sentimento de ambivalência, como se percebe no livro.
Sim, porque, na maioria dos casos, a reação à violência é mais violência. O sistema penal impõe apenas uma resposta a este processo de violência. O melhor exemplo para mim é o de Samantha Geimer, que foi violada por Polanski. Ela testemunhou e escreveu um livro, aliás um livro magnífico: "The Girl: A Life in the Shadow of Roman Polanski". Achou que era importante falar sobre o assunto, mas depois queria perdoá-lo. Queria falar, queria testemunhar, e depois esquecer. Mas o sistema penal não lhe deu essa liberdade, e o julgamento começou a destruí-la. Há pessoas que querem ir a julgamento, mas também há pessoas que não querem.

Você recusou-se a ver o violador em tribunal e foi criticado por isso…
Sim, eu nunca mais quero vê-lo. Tenho medo. Provavelmente, é a única pessoa que de facto me assusta. É a única pessoa que não quero ver. Mas também não quero que a minha história seja usada para colocar alguém na prisão.

Mas reconhece que a sociedade tem de condenar o criminoso, para que não se cometam novos crimes… Ou seja, ele tem de ser julgado e castigado pelo que fez.
Reconheço que temos de fazer algo, mas a prisão não é a solução. Toda a gente sabe que colocar as pessoas na prisão as torna mais violentas. Eu sei isso intimamente. Quando era criança, muita gente na minha família foi presa, e quando saíram vieram cinco vezes mais violentos do que quando entraram. Este homem que me violou e me tentou matar — sei agora — já tinha estado preso. Não o sabia na altura em que o conheci. Quem sabe se não foi a prisão que o tornou mais violento? É apenas uma hipótese. Mas é possível que tenha sido o sistema prisional a expor-me a mais violência. Quando dizemos que alguém tem de ir para a prisão, estamos mesmo a proteger as vítimas? Estamos mesmo a tornar a sociedade menos violenta? Ou estamos a responder à nossa necessidade de vingança? Para mim, não é claro. Talvez a transformação seja mais importante do que a repressão. Temos de encontrar modos não violentos de lidar com a violência. Sabemos que vivemos num mundo de perpetuação da violência. Tento imaginar um mundo que dê respostas não violentas à violência.

No seu caso, perdeu o processo, não foi?
Ainda não. Foi um problema o facto de não querer ir a julgamento, de não querer ver alguém que me quis matar. Mas tenho esse direito. E aí o tribunal disse que não sabia se o podia condenar. O sistema é extremamente violento. Ninguém escolhe ser violado, e a partir desse momento o sistema pede às vítimas que carreguem essas histórias, como se o corpo já não lhes pertencesse.

É como se fosse violado de novo?
Completamente. A violação é o momento em que o corpo não nos pertence, é quando alguém nos rouba o corpo, e no sistema penal, no julgamento, o nosso corpo deixa novamente de ser nosso, é de novo roubado. A Justiça tem de criar formas mais inventivas.

Escrever o livro prejudicou a sua imagem face ao sistema penal?
Não acredito num sistema penal em que 90% dos casos de violação não são resolvidos. Prefiro a literatura para prosseguir a minha luta. As feministas sabem que o tribunal é uma mentira. Quando se é violado, a justiça nunca acredita na vítima, não a protege. Obriga-a a reviver a história uma e outra vez e não lhe dá a possibilidade de escolher a resposta, tendo em conta que há pessoas que querem perdoar e outras castigar. Aquilo de que estou a falar não é ficção científica, não é algo que não tenha sido já feito. Depois da II Guerra Mundial e do *apartheid*, foram criados comités de reconciliação, ou seja, outras formas de fazer justiça. Sabemos que podemos fazer isso. Em Inglaterra, por exemplo, o dinheiro para indemnizar as vítimas depois de um crime tem vindo a diminuir ao mesmo tempo que cresce o orçamento destinado às prisões. O que é que estamos a fazer? Estamos mesmo a proteger as vítimas? Tenho conhecido muitas mulheres que se dizem destruídas pelo julgamento, mais do que pela violação. Pode imaginar? A violação é a pior coisa na vida de uma pessoa. E o julgamento pode ser ainda pior? Há coisas que têm de ser reconsideradas.

Quando essas mulheres vêm ter consigo, percebe o impacto dos seus livros na sociedade. Quer mesmo pensar na literatura como combate?
Sem dúvida. Penso na literatura como arma, como parte da luta. O melhor que me pode acontecer é ouvir alguém dizer: "Mudei o meu nome depois de ler o seu livro"; ou: "Falei pela primeira vez da minha violação." Não quero saber de prémios, nem sequer envio os meus livros para concursos. O que quero é uma literatura de combate.

Uma literatura que nomeia aquilo que as pessoas não conseguem dizer?
Exatamente. Michel Foucault dizia: "Eu quero que os meus livros sejam bombas." Eu pego na bomba, atiro-a, e quando ela explode muda alguma coisa. Quero que os meus livros sejam bombas, quero que criem uma explosão que mude as pessoas. E nem quero saber se os livros irão existir daqui a 50 ou 150 anos. Quero que os meus livros mudem as pessoas agora. Escrever para ser lido daqui a muitos anos é também uma ideia antiquada. Não acredito em Deus nem na eternidade. Lembro-me de ser comum ler críticas com frases do género: "O livro é fantástico porque nada é dito." Que elite é esta que valoriza o facto de não se dizer nada? Eu não quis ser igual a eles. A literatura para mim não serve para esconder coisas, serve para as dizer. O que me parece é que as pessoas que dominam a literatura não querem enfrentar a realidade. Se me pedirem para fazer literatura "implícita", eu farei literatura explícita. Se me pedem para não ser político, é porque a política não significa nada para eles. Logo, farei livros políticos. Escrevo contra a literatura, contra o domínio da definição de literatura. E a escolha da autobiografia também faz parte da minha escolha e da minha agenda política. Há algo de insuportável na autobiografia, que confronta os outros. Porque está a acontecer. Não se pode dizer: "Ah, é apenas uma personagem. É só ficção." Eu digo o contrário: "Estas pessoas existem. Elas estão aqui. E você, que está a ler no sofá, o que fará acerca disso?" ●

cmargoto@expresso.impresa.pt

POLÍTICA O escritor defende a ideia de que as pessoas votam na extrema-direita porque a elite não fala para elas nem as vê

> **"Eu não venho da literatura, venho dos pobres. Por causa disso, tenho de mudar a literatura e a forma como ela se faz. Não tenho escolha"**

> **"Se o único espaço que se oferece às pessoas para dizerem que sofrem é na extrema-direita, então as pessoas usá-lo-ão"**

> **"Não podemos compreender os problemas de classe se não incluirmos os assuntos de género e de sexualidade. Temos de renovar a linguagem de classe"**

PALCO Édouard Louis esteve em Portugal, durante o Festival de Almada, onde foram apresentadas duas peças com textos dele